

SEÇÃO 3 - COMERCIALIZAÇÃO

DISTRIBUIÇÃO COMBUSTÍVEIS

- 3.1 Bases de Distribuição
- 3.2 Vendas das Distribuidoras

REVENDA DE DERIVADOS DE PETRÓLEO

- 3.3 Postos Revendedores
- 3.4 Transportadores-revendedores-retalhistas (TRRs)
- 3.5 Preços ao Consumidor

QUALIDADE DOS COMBUSTÍVEIS

- 3.6 Programa de Monitoramento da Qualidade dos Combustíveis (PMQC)

FISCALIZAÇÃO

- 3.7 Ações de Fiscalização do Abastecimento

COMERCIALIZAÇÃO DE GÁS NATURAL

- 3.8 Consumo Próprio e Vendas de Gás Natural

As atividades de comercialização, assunto da presente seção, subdividem-se em cinco temas: **Distribuição de Combustíveis, Revenda de Derivados de Petróleo, Qualidade dos Combustíveis, Fiscalização e Comercialização de Gás Natural.**

A ANP empenha-se constantemente na coleta, análise e organização dos dados. Cabe considerar, porém, que grande parte da informação veiculada nesta seção do **Anuário Estatístico** é transmitida pelos próprios agentes regulados.

O tema **Distribuição de Combustíveis** divide-se em dois capítulos: *Bases de Distribuição e Vendas das Distribuidoras*. O primeiro retrata a infraestrutura da distribuição de derivados no Brasil ao fim de 2016, e o segundo registra o volume comercializado pelas distribuidoras nos últimos dez anos.

Na sequência, a **Revenda** é analisada em três capítulos: sob a ótica dos *Postos Revendedores*, dos *Transportadores-revendedores-retalhistas (TRRs)* e dos *Preços ao Consumidor*. Os dois primeiros apresentam, respectivamente, a base de revenda de derivados dos postos e a dos TRRs; enquanto o terceiro traz um registro dos preços ao consumidor, calculados a partir do levantamento de preços da ANP e das informações das distribuidoras.

Em seguida, o tema **Qualidade dos Combustíveis** mostra as não conformidades encontradas em amostras de etanol hidratado, gasolina C e óleo diesel.

O tema **Fiscalização** apresenta as ações de fiscalização do abastecimento e infrações por segmento e regiões do País.

O último tema desta seção – **Comercialização de Gás Natural** – enfoca a evolução de vendas, o consumo próprio e os demais destinos do gás natural produzido e importado pelo Brasil.

Distribuição de Combustíveis

3.1 Bases de Distribuição

Ao fim de 2016, havia no Brasil 271 bases de distribuição de combustíveis líquidos autorizadas pela ANP, divididas da seguinte maneira entre as regiões: 86 no Sudeste; 56 no Sul; 49 no Centro-Oeste; 41 no Nordeste e 39 no Norte. Por sua vez, as Unidades da Federação com maior número de bases eram São Paulo (51), Paraná (29), Mato Grosso (25), Minas Gerais (20) e Bahia (18).

A capacidade nominal de armazenamento deste tipo de infraestrutura era de 3,8 milhões de m³. Deste total, 2,74 milhões de m³ (72,1%) destinaram-se aos derivados de petróleo (exceto GLP) e dividiram-se pelas regiões nos seguintes percentuais: Norte (16,3%), Nordeste (20,3%), Sudeste (37,1%), Sul (17,9%) e Centro-Oeste (8,3%).

Já as bases de distribuição de etanol tinham capacidade de armazenamento de 757,6 mil m³ (19,9% do total), alocadas na seguinte proporção: Norte (8,8%), Nordeste (15,7%), Sudeste (49,1%), Sul (15,8%) e Centro-Oeste (10,7%).

Por sua vez, a capacidade de armazenamento de GLP, de 151,47 mil m³ (4% do total), distribuía-se da seguinte forma: Norte (13,6%); Nordeste (20,5%); Sudeste (44,7%); Sul (16,2%) e Centro-Oeste (5%).

A capacidade de armazenamento do biodiesel, de 153.531 mil m³ (4% do total), estavam alocadas da seguinte forma: Norte (8,3%); Nordeste (12,2%); Sudeste (37,2%); Sul (29,6%) e Centro-Oeste (12,7%).

Tabela 3.1

3.2 Vendas das Distribuidoras

Em 2016, as vendas nacionais de derivados pelas distribuidoras registraram baixa de 2,5%, totalizando 121 milhões de m³.

Apesar da queda no volume total em relação a 2015, as vendas de gasolina C, GLP e querosene iluminante aumentaram. A maior alta foi observada no volume de vendas de gasolina, de 4,6%, atingindo 43 milhões de m³. Já o aumento do volume comercializado de querosene foi de 3,9%, atingindo 6 mil m³, enquanto que o do GLP atingiu 13,3 milhões de m³, representando uma elevação de 1,1% em relação ao ano anterior. Por outro lado, as vendas de óleo diesel caíram 5,1%, para 54,3 milhões de m³, menor valor desde 2011. As vendas de QAV e gasolina de aviação, por sua vez, diminuíram 8% e 10,2%, respectivamente. Por fim, a maior queda relativa foi verificada no volume de vendas de óleo combustível, com redução de 32,43% em relação a 2015, para 3,3 milhões de m³. As vendas de diesel representaram 44,9% das vendas totais, enquanto as de gasolina C e de GLP responderam por, respectivamente, 35,6% e 11,1%.

O volume total de vendas não inclui nafta, óleo combustível marítimo nem óleo diesel marítimo, que são vendidos diretamente pelos produtores aos consumidores, sem a intermediação das distribuidoras.

Tabela 3.2

Gráfico 3.1

Como já mencionado, em 2016, as vendas de óleo diesel pelas distribuidoras caíram 5,1% e alcançaram 54,3 milhões de m³, volume correspondente a 44,9% do total de vendas de derivados de petróleo no ano.

Em comparação com 2015, a Região Sul foi a única que não registrou baixa nas vendas de óleo diesel, com alta de 0,3%. A maior queda, em termos percentuais, foi verificada na Região Norte (-9,4%), que concentrou 9,5% das vendas desse derivado. Em termos volumétricos, a Região Sudeste foi a que apresentou maior volume de diesel comercializado, com 22,4 milhões de m³, concentrando 41,3% das vendas totais. A Região Sudeste foi, ainda, a que apresentou o maior declínio de vendas em volume, 1.028 mil m³. As Regiões Centro-Oeste, Nordeste e Sul, responderam, respectivamente, por 12,7%, 16,1%, e 20,5% das vendas de diesel.

Entre as Unidades da Federação, o Estado de São Paulo foi o responsável pelo maior volume de vendas de diesel (11,9 milhões de m³, correspondente a 22% do total), após queda de 3,7% em relação a 2015. Em seguida vieram Minas Gerais (12,5% do total), Paraná (9,5% do total) e Rio Grande do Sul 6,5% (do total).

O mercado de óleo diesel foi suprido por 133 distribuidoras, sendo que as quatro empresas líderes em vendas concentraram 75% do mercado: BR (33,5%), Ipiranga (22%), Raízen (16,8%) e Alesat (3,1%).

Tabela 3.3

Tabela 3.4

Gráfico 3.2

As vendas de gasolina C apresentaram aumento de 4,6% em relação a 2015, atingindo 43 milhões de m³, correspondente a 35,6% do volume total de derivados comercializado.

Todas as regiões registraram alta nas vendas desse combustível, com destaque, em termos percentuais, para a Região Centro-Oeste, cujo mercado cresceu 7%, totalizando 4,1 milhões de m³, o equivalente a 9,5% das vendas totais.

As outras regiões responderam pelos seguintes volumes de vendas: Norte, 3 milhões de m³ (7% do total); Nordeste, 8,7 milhões de m³ (20,3% do total); Sul, 9 milhões de m³ (21% do total); e Sudeste, 18,1 milhão de m³ (42,2% do total).

São Paulo foi o estado com maior consumo de gasolina C: 10 milhões de m³ (23,2% do total), registrando um aumento de 5,6% em relação ao ano anterior.

Em 2016, o mercado de distribuição de gasolina C permaneceu concentrado entre três distribuidoras, que detiveram 62,6% do total das vendas: BR (25,4%), Ipiranga (19,7%) e Raízen (17,5%). Outras 127 distribuidoras foram responsáveis pelo restante das vendas.

Tabela 3.5

Tabela 3.6

Gráfico 3.3

As vendas de GLP aumentaram 1,1% em relação ao ano anterior, alcançando um volume de 13,4 milhões de m³, que correspondeu a 11,1% do total de vendas de derivados.

As regiões Sudeste, Nordeste e Sul apresentaram alta nas vendas de GLP em 2016 de 1%, 1,4% e 2,5%, respectivamente. Na Região Norte, foi verificada redução de 1,7% no volume comercializado, enquanto as vendas na Região Centro-Oeste se mantiveram estáveis.

São Paulo foi o estado que concentrou o maior volume de vendas, de 3,2 milhões de m³, equivalente a 24,3% do total nacional.

Vinte empresas participaram da distribuição de GLP, sendo que a Ultragas (23,9%), Liquigás (21,6%), Supergasbras (20,5%) e Nacional Gás (19,3%) concentraram 85,3% das vendas totais.

Tabela 3.7

Tabela 3.8

Gráfico 3.4

Em 2016, as vendas de óleo combustível pelas distribuidoras apresentaram declínio de 32,4%, alcançando 3,3 milhões de m³. Todas as regiões, exceto a Região Sul (alta de 9,8%), registraram queda nas vendas.

O maior declínio, em termos volumétricos, foi registrado nas vendas da Região Nordeste, de 1,1 milhão de m³ (-45%), totalizando 1,3 milhão de m³ em 2016. Nas demais regiões, os declínios foram os seguintes: Região Norte (9,9%); Região Sul (9,8%); Região Sudeste (40,2%).

O consumo desse derivado apresentou a seguinte distribuição entre as regiões: Norte, 932,8 mil m³ (concentrando 28% do total); Nordeste, 1,4 milhão de m³ (40,5% do total); Sudeste, 515,8 mil m³ (15,5% do total); Sul, 311,1 mil m³ (9,3% do total); e Centro-Oeste, 221,7 mil m³ (6,7% do total).

Apenas três empresas responderam pela quase totalidade (98,5%) da distribuição de óleo combustível: BR (88,8%), Raízen (5,9%) e Ipiranga (3,8%). Outras nove distribuidoras complementaram o mercado desse combustível.

Tabela 3.9

Tabela 3.10

Gráfico 3.5

O volume de vendas de QAV caiu 8% em comparação a 2015, totalizando 6,8 milhões de m³.

Todas as regiões brasileiras apresentaram queda no volume de comercialização de QAV. As variações nas vendas, em volume e percentagem, foram equivalentes a -273,8 mil m³ (-5,9%) na Região Sudeste; -94,1 mil m³ (-12,2%) no Centro-Oeste; -86,1 mil m³ (-8%) no Nordeste; -69,9 mil m³ (-13,2%) no Sul e -66,2 mil m³ (-17,4%) no Norte.

O consumo desse combustível apresentou a seguinte distribuição entre as regiões: Norte, 314,2 mil m³ (concentrando 4,6% do total); Nordeste, 986,6 mil m³ (14,6% do total); Sudeste, 4,3 milhões de m³ (63,9% do total); Sul, 460 mil m³ (6,8% do total); Centro-Oeste, 678,4 mil m³ (10% do total).

São Paulo foi o estado com o maior consumo de QAV (2,8 milhões de m³, correspondentes a 41,7% do total), seguido do Rio de Janeiro (1,2 milhão de m³, 17,4% do total) e do Distrito Federal (519,1 mil m³, 7,7% do total).

Cinco distribuidoras foram responsáveis por abastecer o mercado nacional de QAV: BR Distribuidora (55%), Raízen (32,4%), Air BP (12,5%). Gran Petro e Petrobahia tiveram uma participação muito pequena, não tendo atingido, juntas, um *market share* de 1%.

Tabela 3.11

Tabela 3.12

Gráfico 3.6

A comercialização de querosene iluminante aumentou 3,8% em 2016 ante 2015, totalizando 6 mil m³.

As vendas de querosene iluminante, por região, se distribuíram da seguinte maneira: Norte, 5 m³ (concentrando 0,1% do total); Nordeste, 357 m³ (5,9%); Sudeste, 2,98 mil m³ (49,7%) e Sul, 2,66 mil m³ (44,3%). Na Região Centro-Oeste não foram registradas vendas de querosene iluminante durante o ano.

As vendas nacionais de querosene iluminante foram realizadas por sete empresas, mas quatro delas responderam por 98,9% do mercado: BR (41,7%); Raízen (30,5%); Ipiranga (14,4%); e Raízen Mime (12,2%).

Tabela 3.13

Tabela 3.14

Gráfico 3.7

Em 2016, as vendas de gasolina de aviação caíram 10,2% em relação a 2015, atingindo 57,2 mil m³. Todas as regiões registraram queda nos volumes comercializados.

O consumo desse combustível apresentou a seguinte distribuição entre as regiões: Norte, 10 mil m³ (concentrando 17,5% do total); Nordeste, 4,8 mil m³ (8,3%); Sudeste, 16,5 mil m³ (28,8%); Sul, 12,5 mil m³ (21,9%); e Centro-Oeste, 13,4 mil m³ (23,4%).

A distribuição desse derivado foi realizada por quatro empresas: BR Distribuidora (44,9%), Raízen (36,6%), Air BP (9,7%) e Gran Petro (8,7%).

Tabela 3.15

Tabela 3.16

Gráfico 3.8

Revenda de Derivados de Petróleo

3.3 Postos Revendedores

Ao fim de 2016, 41.829 postos revendedores de derivados de petróleo operavam no País. Desses, 39,2% se localizavam no Sudeste; 24,7% no Nordeste; 19,5% na Região Sul; 8,8% no Centro-Oeste; e 7,7% na Região Norte. Os estados com maior concentração de postos eram: São Paulo (21,8%); Minas Gerais (10,8%); Rio Grande do Sul (7,7%); Paraná (7%); Bahia (6,7%); e Rio de Janeiro (5,1%).

Em âmbito nacional, 48,4% dos volumes de combustíveis comercializados se dividiram entre quatro das 84 bandeiras atuantes: BR (19%); Ipiranga (14,4%); Raízen (11,5%), e Alesat (3,4%).

Os postos revendedores que operam com bandeira branca (podem ser abastecidos por qualquer distribuidora) tiveram participação de 40,9% em 2016.

Tabela 3.17

Tabela 3.18

Gráfico 3.9

3.4 Transportadores-revendedores-retalhistas (TRRs)

Em 2016, 364 TRRs estavam cadastrados na ANP. As Regiões Sul e Sudeste concentravam, respectivamente, 40,9% e 30,8% desse total, enquanto Centro-Oeste, Nordeste e Norte reuniam 18,4%, 4,9% e 4,9%, nesta ordem. As Unidades da Federação com maior número de TRRs eram: São Paulo (19%); Rio Grande do Sul (17,9%); Paraná (16,2%); e Mato Grosso (8,8%).

Tabela 3.19

3.5 Preços ao Consumidor

Em 2016, o preço médio nacional da gasolina C registrou alta de 10,1% em relação a 2015, passando para R\$ 3,680. Os preços mais baixos foram verificados em São Paulo (R\$ 3,500) e os mais altos no Acre (R\$ 4,092). Nas regiões, foram registrados os seguintes preços médios: Norte (R\$ 3,873), Nordeste (R\$ 3,744), Sudeste (R\$ 3,622), Sul (R\$ 3,686) e Centro-Oeste (R\$ 3,708).

Em contrapartida, o preço médio do óleo diesel no Brasil subiu 6,6% em 2016, fixando-se em R\$ 3,013. Os menores preços foram observados no Paraná (R\$ 2,855) e os maiores no Acre (R\$ 3,589). Nas regiões brasileiras, os preços médios se situaram nos seguintes valores: Norte (R\$ 3,249), Nordeste (R\$ 3,034), Sudeste (R\$ 2,960), Sul (R\$ 2,899) e Centro-Oeste (R\$ 3,170).

Os preços do GLP tiveram elevação de 12% no mercado nacional, atingindo R\$ 4,159. Os menores preços foram observados em Pernambuco (R\$ 3,654) enquanto que os maiores no Mato Grosso (R\$ 5,657).

Por fim, o preço médio nacional do gás natural veicular (GNV) registrou aumento de 8,2% em 2016 em relação ao ano anterior passando para R\$ 2,232. Os menores preços foram observados em São Paulo (R\$ 2,058) e os maiores no Amapá (R\$ 3,059).

Tabela 3.20

Tabela 3.21

Tabela 3.22

Tabela 3.23

Gráfico 3.10

Em 2016, a média de preço do querosene iluminante ao consumidor foi de R\$ 2,034. O Município de São Paulo foi o que apresentou o menor preço (R\$ 1,877), enquanto o maior foi encontrado em Porto Alegre (R\$ 2,120).

Em relação ao óleo combustível A1, o preço médio nacional em 2016 foi equivalente a R\$ 1,363. Belém apresentou o menor preço deste derivado (R\$ 1,155) e Manaus, o maior (R\$ 1,652).

O preço médio do QAV ao consumidor foi de R\$ 1,666 em 2016. Recife registrou o menor preço (R\$ 1,508) entre os municípios selecionados, enquanto que Belo Horizonte registrou o maior valor (R\$ 2,367).

Tabela 3.24

Tabela 3.25

Tabela 3.26

Gráfico 3.11

Qualidade dos Combustíveis

3.6 Programa de Monitoramento da Qualidade dos Combustíveis (PMQC)

O PMQC é o instrumento utilizado pela ANP para verificar a qualidade dos principais combustíveis líquidos comercializados no Brasil. Por meio do programa, identificam-se focos de não conformidade, ou seja, a existência de produtos que não atendem às especificações técnicas; e planejam-se ações de fiscalização do abastecimento.

As amostras são analisadas em relação a diversos parâmetros técnicos estabelecidos nas respectivas normativas de qualidade, no Centro de Pesquisas e Análises Tecnológicas da ANP (CPT, localizado em Brasília), assim como nos laboratórios de universidades e instituições de pesquisa contratados para esta finalidade.

Em 2016, foram coletadas 53.577 amostras de combustíveis, 53,2% a menos que em 2015. Destas, 1.215 apresentaram não conformidades¹. Foram analisadas 13.996 amostras de etanol hidratado, 20.854 de gasolina C e 18.727 de óleo diesel; destas, respectivamente, 291, 380 e 544 estavam não conformes.

Os ensaios realizados pelas instituições integrantes do PMQC, no caso do etanol hidratado, encontraram 329 não conformidades, sendo 48,6% referentes à massa específica/teor alcoólico; 29,8% à aparência, cor e teor de hidrocarbonetos; 16,7% referentes à condutividade e 4,9% ao pH.

No caso da gasolina C, foram verificadas 415 não conformidades, sendo 67,7% referentes ao teor de etanol anidro combustível; 17,6% destilação; 14,7% aspecto, cor, teor de benzeno, de olefinicos e de aromáticos e nenhuma relacionada à octanagem do produto.

No que diz respeito ao óleo diesel, foram observadas 579 não conformidades, das quais 50,4% relativas ao teor de biodiesel (verificação do cumprimento ao dispositivo legal que determina a adição de biodiesel ao óleo diesel); 20,2% a cor ASTM (cor ASTM fora de especificação pode ser indicativo de degradação ou contaminação) e massa específica a 20 °C; 19,3% a ponto de fulgor; 7,6% concentração de enxofre no combustível; 1,4% corante e 1% aspecto (indicação visual de qualidade e de possíveis contaminações).

Tabela 3.27

Tabela 3.28

Gráfico 3.12

Gráfico 3.13

Gráfico 3.14

Gráfico 3.15

Fiscalização

3.7 Ações de Fiscalização do Abastecimento

Em 2016, foram realizadas 20.121 ações de fiscalização do abastecimento, das quais 5.723 resultaram na lavratura de autos de infração, o que corresponde a 28,4% do total. Os principais segmentos fiscalizados, alvos de 63,8% das ações, foram os postos revendedores de combustíveis e os revendedores de GLP, os últimos com concentração de 27,5% das ações. Em vista disto, ambos foram responsáveis por 89,3% dos autos de infrações lavrados, revendedores de combustíveis ficaram com 70% delas e os revendedores de GLP, com 19,3%.

¹ Cada amostra analisada pode conter uma ou mais não conformidades.

A Região Sudeste foi alvo do maior número de ações de fiscalização, 7.551, num total equivalente a 37,5%. A Região Centro-Oeste respondeu por 23,3%, seguida pela Região Nordeste, com 18,5%. As Regiões Sul e Norte foram responsáveis por 14,2% e 6,3%, respectivamente.

Tabela 3.29
Cartograma 3.1

Comercialização de Gás Natural

3.8 Consumo Próprio e Vendas de Gás Natural

As vendas de gás natural diminuíram 13,6% em 2016, em relação ao ano anterior, totalizando 27,2 bilhões de m³. No acumulado de 10 anos, houve crescimento, em média, equivalente a 7,9% ao ano.

A Região Sudeste continuou sendo a maior consumidora de gás natural no Brasil, respondendo por 59,1% de todo o volume comercializado em território nacional. Em 2016, as vendas destinadas a essa região sofreram queda de 11,3%, totalizando 16,1 bilhões de m³.

Por sua vez, a Região Nordeste registrou aumento de 4,5% em suas vendas de gás natural, que alcançaram 7,4 bilhões de m³ (27% do total). A Região Norte teve acréscimo de 27,3% nas vendas, que atingiram 1,7 bilhão de m³ (6,4% do total). Já a Região Sul teve queda de 35,2% nas vendas, que totalizaram 1,6 bilhão de m³, 5,9% do total. O Centro-Oeste registrou queda de 82,6% nas vendas, que somaram 430 milhões de m³ (1,6% do total nacional).

Os maiores volumes de gás natural foram vendidos no Estado do Rio de Janeiro (8,1 bilhões de m³, 29,7% do total, após queda de 10,8%) e no Estado de São Paulo (5,7 bilhões de m³, 21,1% do total, após queda de 11,2%).

No que se refere ao consumo próprio (o gás natural utilizado nas áreas de produção, refino, processamento e movimentação), houve decréscimo de 5,2% em comparação a 2015. Do total de 9,4 bilhões de m³ consumidos em 2016, 76,1% ou 7,1 bilhões de m³, corresponderam à Região Sudeste, após queda de 5,6%.

As regiões registraram as seguintes variações relacionadas ao consumo próprio de gás natural durante o ano de 2016 em comparação a 2015: Região Norte apresentou acréscimo de 3,1% com 236,1 milhões de m³ de consumo ou 2,5% do total; Região Nordeste, 15% de acréscimo com 1,4 bilhão de m³ de consumo ou 15,2% do total; Região Sudeste, 5,6% de decréscimo com 7,1 bilhões de m³ de consumo ou 76,1% do total; Região Sul, 35,6% de acréscimo com 585,7 milhões de m³ de consumo ou 6,3% do total nacional.

No balanço do gás natural no Brasil, a oferta interna corresponde à soma dos valores de importações e produção, descontados ajustes, queima, perda, reinjeção e exportações. O valor da oferta interna também pode ser obtido pela soma do consumo próprio total, do LGN absorvido e das vendas. Em 2016, a oferta interna de gás natural foi de 38,1 bilhões de m³. Deste total, 71,4% destinaram-se às vendas e 24,6% ao consumo próprio total, enquanto que outros 4% foram ofertados como LGN.

Tabela 3.30
Tabela 3.31
Tabela 3.32

Gráfico 3.16
Gráfico 3.17